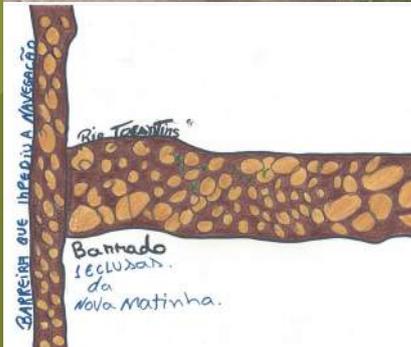
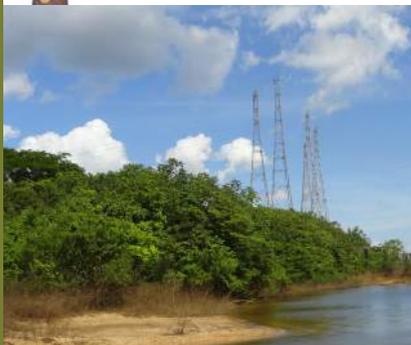




CADERNO NOVA CARTOGRAFIA



Atingidos pela hidrelétrica de Tucuruí



SETEMBRO
2014

PROJETO
**Mapeamento
Social**



como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS

10

Atualização dos efeitos da implantação da usina hidrelétrica de Tucuruí

Desde 1975 conferem-se profundas transformações sociais na “região de Tucuruí”, com o início do desvio e barramento do rio Tocantins para construção da hidrelétrica de Tucuruí. Esta construção deslocou, remanejou, expropriou povos indígenas, “colonos”, extrativistas, pescadores, trabalhadores rurais, moradores de ilhas, vilas e cidades à jusante, estimados na fase inicial da obra, em cerca de 70 mil pessoas. A implantação da Usina Hidrelétrica de Tucuruí – UHE-Tucuruí, os projetos de infraestrutura e os empreendimentos econômicos que ocorreram na década de oitenta provocam efeitos econômicos com elevada necessidade de energia continuados na vida destes agentes sociais, renovando os processos de expropriação e, simultaneamente, buscando apagar as memórias, os lugares e as lutas.

As situações sociais retratadas neste Boletim evidenciam as diferentes identidades coletivas constituídas em um processo de resistência, diante das ameaças a sua reprodução física e cultural, resultantes da implantação da segunda maior hidrelétrica do Brasil e quarta maior do mundo.

O lago da UHE-Tucuruí foi transformado em Área de Proteção Ambiental – APA Lago de Tucuruí, com 5.686 km², que configuram o chamado “Mosaico de Unidades de Conservação”, que inclui a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Alcobaça e Pucuruí Ararão e duas (2) Zonas de Preservação de Vida Silvestre - ZPVS. Com a construção da 2ª etapa da obra foi alagada uma área de 20 km², ampliando o lago para 2.875 km². O nível da cota do lago passa de 72 para 74 metros, aumentando o número dos atingidos em mais de 11 mil pessoas. Os atingidos, em especial os moradores da APA, reclamam da falta de um Plano de Manejo.

O Boletim Informativo “Nós somos atingidos pela Hidrelétrica de Tucuruí” resulta de atividades de pesquisa, através de oficinas de Cartografia Social realizadas entre os meses de setembro de 2012 e outubro de 2013 no sudeste do Estado do Pará no âmbito do projeto “Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processo de Capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais”.

Em reunião realizada em setembro de 2012, em Marabá, com a participação de quebradeiras de côco babaçu, jovens atingidos pela mineração, extrativistas, e por indígenas Akrätikatêjê se deu um momento de re-aproximação dos movimentos que mantêm atualizados os efeitos da implantação da UHE-Tucuruí. Os atingidos pela UHE reunidos em oficinas de mapas realizadas em Tucuruí e Breu Branco, em junho e outubro de 2013 e em Bom Jesus do Tocantins, na Aldeia Akrätikatêjê, insistem em cobrar os direitos violados no passado e reconhecem as novas violações com a segunda etapa.

As situações sociais atualizam os processos recentes na região de Tucuruí, cujo noticiário e análises estão totalmente obscurecidos diante de realidades emergentes em Altamira,



PARTICIPANTES DAS OFICINAS DE MAPEAMENTO SOCIAL EM TUCURUÍ E BREU BRANCO:

José Cândido de Souza; Maria Bernadete Galvão da Silva; Raimundo Albuquerque de Almeida; João Rodrigues de Souza; Antonio Joviano da Cunha; Francisco dos Anjos Lopes; Francisco Alves de Medeiros Filho; José Ribamar Silva; Odorico Meireles; Raimundo Conceição Martins; João Ribeiro; Jacinto Nunes dos Santos; Antônio Francisco dos Santos; Francisco Ferreira dos Santos; Estênio Benedito; José Cunha de Souza; André Silva da Conceição; João Batista da Conceição; Paulo Farias dos Santos; Francisco Alves dos Santos; Luciana Lima da Silva; Fabrício de Jesus Batista; José Alves do Nascimento; Maria Léia Lima da Silva; Maria de Fátima da Conceição; Raimunda Pacheco Nogueira; Jucilene Fernanda dos Santos; Maria das Graças; Maria Lúcia; Ilma Soares da Silva; Marinalda da Silva Brito; Irene Maria da Conceição; João Carlos Sarmiento de Souza; Maria Rita de Jesus Silva; Francisco Dalrone de Oliveira; Silvio Soares dos Santos; Juciele Souza Silva; Ada Estuma Cardoso; Ademir Rufino Oliveira; Aida Patrícia F. Lameira; Antônio Farias do Carmo; Antônio José Filho; Dalgiza Ricardo da Silva; Darcilene Menezes Serrão; Elinete Lopes da Silva; Esmael Rodrigues Siqueira; Fabiana Medeiros Martins; Francinê de Queiroz; Francisco Santana Lopes; Ianeide Elena Corrêa; Jorge Machado dos Santos; Josélia Maria Waquim; Tõnkyre Akrätikatêjê (Kátia Silene Costa Vandenilson); Maria de Léia Lima de Silva; Maria de Nazaré; Maria Eliana do Carmo; Maria Lucidalva Gonçalves; Maria Rosário de Fátima Moraes de Souza; Mário José; Milton de Souza Afonso; Raimundo Nonato B. Carvalho; Raquel Rodrigues dos Santos; Roque Rodrigues dos Santos; Samuel Corrêa Pereira; Sergio Lima de Almeida; Vandelina Mendes da Silva; Vital Macieira Ramos; Wandonny José Amaral; Maria Raimunda Rosa das Mercês; Celi das Mercês.

Cacique Payaré e sua filha Tônyre Akrätikatêjê (Kátia Silene), atual Cacique do povo Akrätikatêjê, Oficina de mapeamento social realizada na Aldeia, julho de 2013



Santarém, Marabá no Pará, e as ocorrências em Rondônia, Mato Grosso, Tocantins e Amapá, alvos da execução e de planejamento de novas hidrelétricas. As pautas reivindicatórias dos movimentos são reatualizadas em cada nova etapa de execução desses projetos.

Indígenas Akrätikatêjê e a luta até hoje pela reposição de suas terras¹

“É o seguinte: a história minha não é que eu quis vir prá cá, prá Mãe Maria eu vim à força. O problema foi por causa da construção da barragem da Eletronorte que forçou, expulsou a gente, não tinha mais onde a gente ficar e também eu fui perseguido pelo jagunço e quase que eu morro lá e eu escapei. E eu denunciei a Eletronorte na justiça, em Marabá. Tem poder lá que todo mundo ficaram sabendo, meu povo, que eu estava sendo ameaçando por jagunço da Eletronorte que estavam contratando pra tirar minha vida. Ao invés de sentar pra resolver, queria tirar minha vida e ocupava o lugar, onde não conseguiram concluir. Eu apenas era sozinho, o povo tem medo da Eletronorte. Naquela época a FUNAI, hoje que a FUNAI que era antes botou dois advogados, delegado. E a Eletronorte tinha dois advogados. Mas eu, graças a Deus, nunca temi aquele povo. Eu quando via aquele armamento, eu parece que a luta minha me fortalecia pra eu lutar, eu não me humilhava prá Eletronorte. Hoje as pessoas que fez comigo já foram, já morreram”. CACIQUE PAYARÉ, JUNHO/2013

“Quando nós chegamos lá em 82 pra 83, nós tinha uma vida digna, normal. Nós vivia um povo unido. Que eu me lembro, o capitão insistiu muito pra nós vim de Tucuruí. Quando o meu pai tava lá sofrendo, que ele soube quando meu pai foi cortado o braço. E aí meu pai sempre me preparou, né, desde Tucuruí, meu pai dizia assim pra mim: ‘Olha, tu vai ter que aprender a atirar, aprender a se jogar flecha porque se um dia Cupem me matar aqui tu vai embora’. Aí me deu o numero do telefone. Esse aqui é o número do Ferreira’. Nesse tempo era o Ferreira que era o administrador da FUNAI - então se o Cupem um dia me matar, tu vai embora, liga pro Roberto, avisa os teus tios e aí você vai embora, leva seus irmãos, leva tua mãe e vai embora porque o Cupem vai me matar a qualquer hora”. Ele falava,: ‘Porque tu tá vendo a minha luta com a Eletronorte’, ele falava, ‘vocês estão vendo que a Eletronorte destruiu a nossa casa’ – já tinham destruído já. Que Papai fez uma casa de plástico, de lona preta e aí nós fomos morar debaixo desse plástico. Aí quando nós voltemos

1 A Aldeia e Praia dos indígenas “Gaviões da Montanha” desaparece na perspectiva do uso pré-existente, como o lugar de viver e de trabalhar e foi substituída pela UHE-Tucuruí. Os indígenas Akrätikatêjê foram deslocados pela Eletronorte para a Terra Indígena Mãe Maria, em Bom Jesus do Tocantins. Em 1989, eles entraram com processo judicial que recebeu decisão da 1ª Região em Brasília, em março de 2011, que determina à que determine que a Eletronorte compre uma nova terra como compensação a que esse povo indígena foi submetido. A ordem judicial de junho de 2010 foi interposta pela Eletronorte com Embargo de Declaração, um “tipo de recurso cabível apenas para esclarecer dúvidas quanto a uma sentença”, explicava o Ministério Público Federal. Este processo tramita com o número 89.00.01377-7. Ver: Eletronorte se recusa a cumprir sentença em favor de índios atingidos pela usina de Tucuruí. O processo pode ser consultado pelo link: [http://www.xinguvivo.org.br/2011/03/29/eletronorte-se-recusa-a-cumprir-sentenca-em-favor-de-indios-atingidos-pela-usina-de-tucuruí/](http://www.xinguvivo.org.br/2011/03/29/eletronorte-se-recusa-a-cumprir-sentenca-em-favor-de-indios-atingidos-pela-usina-de-tucuru/)

foi que nós peguemos malária. Eu peguei malária treze vezes, meu irmão Nenzinho pegou doze. Aí eu fui no hospital, me deu anemia e eu passei um mês e vinte dias no hospital. Papai lembra, ele também pegou malária. O maior ressentimento que nós temos é com a Eletronorte, porque ela desabrigou nós, ela destruiu a nossa vida. Ela acabou com tudo, sei lá, ela destruiu a família nossa! Que nós era um povo unido. Hoje em dia meu irmão mora pra ali, meu tio pra lá. Todos juntos, nós morava todo mundo junto. Pra ti ver, como isso parece que assim, que jogaram, 'vamos jogar o índio pra lá, lá tem índio, vamos jogar o índio pra lá'. Tratando nós como animal. Jogou nós e não pensaram na consequência que vinha, no impacto que ia dá, não pensaram nisso. Aí a Eletronorte, hoje ela diz que, não tem obrigação de dar pra nós indenização, ela vai dar a terra seca. E é isso que revolta nós até hoje, porque quando ela destruiu nossa terra, nós tinha nossa plantação, nossa casa, nós tinha uma estrutura! Não podia ser muito rica, mas era nossa, foi nós que construímos. E hoje em dia ela nega e quer dar 3.800ha, mas nós diz que não é só isso! É mais, a nossa terra é grande. E nós temos documento no Incra que achemos, que era quase 62 mil hectares também lá, que o fundo dela pega do Arimatéia até lá em Breves. Então são coisas assim, que hoje em dia nós tem uma briga. Hoje em dia nós aprendemos a se envolver, nós estamos envolvendo os jovens. Nós estamos passando pra eles essa mensagem". TÔNKYRE AKRĀTIKATĒJĒ (KÁTIA SILENE COSTA VALDENILSON), TUCURUÍ, JUNHO/2013

Dívidas da Eletronorte e hidrelétrica de Marabá

"A hidrelétrica de Marabá está no seguinte pé. Vai ter supressão territorial, né, por conta da inundação, a gente já falou nisso e não sabe dimensionar aqui até que ponto vai ser essa inundação. Como nós somos atingidos pela barragem nós nunca concordamos com isso. Ela (a Eletronorte), tem uma dívida com a gente, tem uma terra a ser entregue. Ela tem que lembrar que esse processo existe, tem que pagar primeiro pra depois entrar em outro processo, outra discussão". RUIVALDO DA COSTA VALDENILSON, JUNHO/2013

Expropriados pela Eletronorte: trajetórias definidas pelo "remanejamento"

"Eu tenho 52 anos de idade. Estou na cooperativa há 7 anos. Nessa de agora eu tô com umano, sou secretária. Eu moro no Jardim Colorado. Na época, quando começou a hidrelétrica, eu só tinha 15 anos, meu pai era funcionário da estrada de ferro, mas ele era expropriado. Na época, ele falava que a Eletronorte estava fazendo as vistorias e foi na terra do meu pai. Nessa época, eu lembro que a Eletronorte começou a fazer vistoria, que tirou foto da casa, tirou foto do terreno lá tudinho, e aí chegou o tempo de receber aquele dinheiro: 'Ah, vamos indenizar o pessoal e vamos tirar daqui para onde quisessem morar. Aí eu casei e meu pai ficou lá. Aí eu fiz a minha casa, tinha o processo da minha casa também. Eu fiz da minha casa e quando chegou na época da gente sair de lá, que começou a encher tudo, foi em 81, 80 pra 81, e a gente começou a se remover de lá, tirar o pessoal. Foram saindo, as famílias e a água começou chegando, entrando nas casas. E eu fui morar num lugar chamado Jacundá, mudei prá lá. Meu pai foi morar pra Cajazeira. Na época eles deram uma terra pro meu pai muito longe da cidade, era 70 Km longe da cidade. E eu fui morar em casa dos outros, não recebi nada na época, fui morar na casa de conhecidos, parente do meu marido". MARIA DE FÁTIMA DA SILVA. TUCURUÍ, JUNHO/2013

"Eu tenho 59 anos, eu sou expropriada do km 11, que faz parte da Vila Permanente, desde 81. Depois fui removida de lá e nós viemos pra Tucuruí, fiquei numa casa alugada, esperando a Eletronorte dar uma casa porque eles ficaram de dar e nunca recebemos essa casa. Aí cansei de esperar essa casa, fiquei perambulando de fazenda em fazenda com meu marido. O que eles deram não deu pra comprar um barraco, ficamos esperando, viemos pra cá, era Jacundá, Marabá, tudo por onde andei. De lá retornei novamente pra Tucuruí. Tenho agora a minha residência, moro aqui em Tucuruí, mas não estou com casa, com dinheiro da Eletronorte não". AURICELINA FERREIRA CASTRO. TUCURUÍ, JUNHO/2013

“Aqui nesse movimento, os mais atingidos somos nós os expropriado, tudo desapropriado pela barragem. Os filhos já perderam as esperanças, os pais estão lutando. Eu fui do Conselho Fiscal (da Cooperativa), tenho 69 anos, tivemos nas reuniões, muitas vezes dentro da Eletronorte, eram muito boas, só que não foi cumprido o que foi feito lá”. JOSÉ RAIMUNDO SOARES. TUCURUÍ, JUNHO/2013

Expropriados transformados em ‘cooperados’ pela Eletronorte²

“Eu sou o presidente atual desta Cooperativa de Expropriados de Tucuruí, eu tenho 69 anos completos, vou completar 70 no dia 14 de dezembro, agora, de 2013. O que eles fizeram? Veio o presidente da Eletronorte, que nós já esperava quase um ano, e ele não vinha. Um dia ele entrou no acampamento com a diretoria da Eletronorte e lá foi feito um acordo que todos nós que estivessem ali, em nome de 5.700 expropriados da primeira etapa da barragem. Aí o que que acontece? Foi feito esse acordo pra que nós saísse de lá que



ia receber indenização desse valor de 49.600.000 mil reais em cima dessas 5.700 famílias. Isso foi em 2001, o acampamento. Aí o que a Eletronorte fez? Criou 7 cooperativas, e dessas 7 cooperativas, tem a de Goianésia que ficou junto com o Breu, e ficou 6 cooperativas”. ADEMIR RUFINO OLIVEIRA. TUCURUÍ, JUNHO/ 2013

“Teve greve aqui em Tucuruí três vezes. Nós passamos onze meses debaixo do aperto lá, 300 pessoas. Quando nós fomos pro canteiro lá, eles ameaçaram, porque tinha que sair aquele pessoal de lá e vinha pessoal de fora visitar nós. Até que o pessoal

Ademir Rufino Silva Oliveira, Maria de Fátima da Silva, Auricelina Ferreira Castro; Antônio José Filho, Esmael Siqueira Rodrigues; Maria Bernadete Galvão da Silva; José Coelho de Souza, que se identificam como, Expropriados de Tucuruí, junho de 2013

chegou na conclusão que se nós fizesse um acordo de sair de lá poderia surgir uma cooperativa. Estamos esperando pela proteção das pessoas que tem maturidade, que sabe do movimento, que leve isso num plano certo da nossa vida, que nós estamos cansados já de lutar”. ANTÔNIO JOSÉ FILHO. TUCURUÍ, JUNHO/2013

“Meu nome é José Cândido de Souza, 74 anos, cheguei em 68 no Breu desde Marabá, mas no Breu foi em 68. Fui criado com os meus pais juntos, aqui no Tucuruí”. TUCURUÍ, JUNHO/2013

“Aí quando foi que nós desacostumamos que a Eletronorte não queria pagar nada pra nós, nós conseguimos invadir a vila, passamos um ano e um mês debaixo da lona quente naquela área prá cá da prefeitura. Passamos um ano e um mês e eles se batendo pra tirar nós. Aí depois fizeram uma reunião, e o presidente da Eletronorte, lançou um cartão pra nós por 30 meses, e antes de 30 meses acabou-se. Esses cartões que lançaram pra nós era 200 reais que era pra nós tirar de alimentação, não beneficiou ninguém, só os comerciantes”. BREU BRANCO, JUNHO/2013

“Meu nome é Raimundo de Albuquerque de Almeida, 64 anos de idade, cheguei aqui em Breu Branco em 1972, há 41 anos, e sou expropriado da barragem de Tucuruí. Pois bem, aí essas terras logo após nos anos 80 não foi favorável à nossa colheita, a nossa lavoura, então nós plantamos três anos e ninguém colhia nada. Resultado: além de não receber o

² Em Tucuruí e Breu Branco residem expropriados da área onde se formou o lago e esta categoria de identificação reúne pessoas que não receberam indenização e mostram total insatisfação com o Programa Social para os Expropriados de Tucuruí – PROSET. Os Expropriados da I Etapa mantêm uma posição reivindicativa das indenizações que a empresa pública tentou substituir e negociar ao criar o Programa Social dos Expropriados da Primeira Etapa da UHE Tucuruí – PROSET, em 2009. As Cooperativas dos Expropriados criadas nos municípios de Tucuruí, Breu Branco, Goianésia, Nova Ipixuna. Novo Repartimento, Jacundá e Itupiranga são apresentadas como tendo uma trajetória de desvios financeiros, controle político, o que os expropriados consideram parte dos “enganos” de que são vítimas. Esse grupo manifesta o sentimento de que a empresa aposta na solução das pendências pela morte dos expropriados, que são hoje, 519 identificados pela APOVO

**Expropriados de Breu Branco, junho de 2013**

apoio de capacitação, de informação, de treinamento, nada nós tivemos, fomos jogados como se fosse bicho bruto. Então, nós não tivemos nada, a gente não produzia, tinha companheiro nosso que passou a passar fome porque a terra não produzia. Aí resultado: vendia a terra a qualquer preço. Nós ficamos desamparados. Surgiu essa outra etapa onde nós fizemos esse acampamento, debaixo desse plástico preto, que nem o Satanás quer ficar lá de baixo, lá que nós fomos ficar. Resultado: no final disso aí, nós conseguimos o apoio da Eletronorte no valor de 39.900.00. Por que a Eletronorte resolveu fazer essa proposta pra nós sair daqui de dentro. Resultado: essa cooperativa que foi fundada em cada município, nós não tivemos acompanhamento técnico, não tivemos capacitação, não tivemos acompanhamento pra fiscalização. Vai completar nove anos. O pior é que nossas cabeças estão todas velhas, estamos todos cansados. Eu gostaria que esse pronunciamento fosse transmitido pra aquele pessoal lá de Belo Monte que estão nas mãos da Eletronorte para ficarem sabendo". RAIMUNDO ALBUQUERQUE DE ALMEIDA. BREU BRANCO, JUNHO/2013

Restaurar nossos sacrifícios

"Meu nome é Auxiliadora Gomes Pereira, maranhense. Eu morava no Remansão do centro no município de Jacundá, à margem do rio Remansão mesmo, que é bem na beirinha do igarapé, perto do meu amigo ali "Tatu". Cheguei pequena ali, eu tinha mais ou menos uns cinco anos de idade. Aí nós fomos prá Remansão. Meu pai arrumou uma terra, porque lá tinha muita terra, aí até no km 77 a gente trabalhava lá de roça, tinha muito café, muita manga, muita jaca, laranja, cupu, açaí demais. Foi o tempo que eu cresci, inventei de casar. E fez um barracinho no chão, em outra terrinha do lado meu pai, e a gente ficou lá morando, eu mais o meu esposo. Onde meu pai morava era mais no centro e onde nós morava era mais na beira do igarapé chamado Pedoca. Tinha umas pedras, era um igarapé muito bonito, muito farto de peixe, lá a gente fez a nossa casa, fez a plantação, a nossa roça. Aí foi tempo que veio os filhos. E chegou o tempo que a Eletronorte foi lá e disse que nós tinha que sair porque ia ter a barragem de Tucuruí; a gente parou de trabalhar, nós paramos uns três anos de trabalhar, nós continuava a pescar e a caçar, plantar pra nossa alimentação. A gente não podia trabalhar, só plantava aquele pouquinho que era pra gente comer, a gente ficou nessa arrumação. Foi quando ela veio e nos levou pra Repartimento Velho. Em Repartimento Velho a gente foi morar de aluguel e eu fui lecionar como professora particular. A gente viveu de aluguel e ele, como esposo, não tinha emprego, ele foi fazer carvão pra ajudar nas despesas de casa. Quando a Eletronorte retornou as casas no Repartimento Novo, ela deu uma casa, e nesse intervalo, ela também deu uma terra. A nossa terra no Remansão do centro era de 21 alqueires. Aí quando nós viemos pra Repartimento, eles deram uma terra pra nós, uma terra de 10 alqueires, muito carapanã, muriçoca. Eu fazia era chorar. E era colocar uma mucura assim no jirau o sangue escorria, muriçoca matava animal, gato, cachorro, matava de tanto aquele mosquito cabo verde,

Manuel Venâncio Soares e Esmael Siqueira, em reunião na Cooperativa de Expropriados de Breu Branco, junho/2013



mana ferravam tanto que chega escorrer o sangue na perna da gente. Restaurar nossos sacrifícios, nosso suor, nossas lutas, porque muitos já morreram. Minha mãe já morreu, meu pai já morreu, meu tio já morreu. Eu tenho dois processos, o da casa da roça, e da casa da rua, e a minha mãe tem dois também, que eu que fiquei pra representar, porque em vida ela passou pra mim. Então essas coisas são coisas que deixam a gente muito constrangida, a gente quer o nosso sacrifício, nossa história, nossa luta. A luta prá gente repor o nosso dinheiro e o restante da terra”. AUXILIADORA GOMES PEREIRA. TUCURUI. JUNHO/2013

Até hoje, a espera por esse tempo, o tempo dos direitos

“Encontrei um advogado público, coloquei na justiça esse meu processo e aí eu recebi uma mixaria que só deu pra eu comprar uma casinha de madeira. Comprei essa casa e fiquei morando aqui em Tucuruí. Porque eu faço parte dessa cooperativa? Porque meu pai é expropriado, meu pai faleceu, ficou minha mãe e teve que vender tudo o que ela tinha porque a terra era muito longe de onde ela morava. Como ela tem o processo de uma terra e ela tem o processo de uma casa e eu tenho o meu processo também, então eu tô na cooperativa hoje por isso. Não têm mais direitos, porque já morreram? Não, mas aquela que morreu fica a família, mas a Eletronorte não quer, não consta. Da cidade pro nosso terreno era 1 km, quando a Eletronorte chegou lá na região que eu nasci, meu pai ganhou uma terra dada pela Eletronorte, que era 75 km da cidade pra terra.” MARIA DE FÁTIMA DA SILVA. TUCURUI, JUNHO/2013

“Meu nome é Antônio José Filho, 75 anos, cearense, vou falar do tempo da minha mudança, do tempo que eu morei na casa. Eu cheguei na estrada de ferro, que hoje está de baixo d’água, em 19 de setembro de 1963. Trabalhei 19 anos nesse movimento de roça, até que chegou o levantamento dessa barragem aqui, e quando foi em 81, fui removido de lá pra Goianésia, com o pagamento dela, na época, atual, estava no valor de 80 contos e eles me deram 26 contos e esse dinheiro está lá até hoje. Desde a primeira greve que fizemos em Tucuruí, eu tô dentro. Quando a Eletronorte entrou dentro desse movimento fez um plano de carência para cada um expropriado e ela nunca cumpriu, nem telha ela quis dar”. ANTÔNIO JOSÉ FILHO. TUCURUI, JUNHO/2013

“Meu nome é Manuel Venâncio Soares, maranhense de Bacabal, conhecido como Bacabal. Eu sou um dos líderes do movimento. Desde 83 que eu tô, eu fui prá Eletronorte, nunca larguei. Eu cheguei aqui nessa região em 03 de julho de 77, na região de Tucuruí, no começo da barragem. Eu ajudei a construir a primeira etapa da barragem, aí quando terminou eu sai. Trabalhei 12 anos na prefeitura, hoje em dia não estou trabalhando mais em nada. Aí quando a Eletronorte tirou nós de lá no nosso local porque nós morava na vila, no 11. A Eletronorte, quando foi pra tirar nós de lá, ela foi lá bateu fotos, pegou nosso nome e nós tinha que desocupar lá (...) e dizia: ‘A Eletronorte é o seguinte, ela vai tirar vocês daqui, porque aqui vai ser o lago, o lago vai encher toda a casa, se vocês ficarem aqui vão morrer afogados’. Mas, doutor, a gente não tem pra onde ir. ‘Não, mas a Eletronorte vai

tirar vocês daqui pra Tucuruí e vai construir as casas'. Justamente ela botou nós ali por 90 dias no bairro Pimental, ali na beira da Sete de Setembro, passamos 90 dias de baixo de uma lona do exército, aí começaram a construir aquelas casas na COHAB, enganaram nós: 'Essas casas aqui são pra vocês'. Depois que terminaram de construir as casas, não foram chamar nós, pra nós entrar dentro das casas, foi preciso nós invadir as casas, entremos de noite e quando foi de manhã mandaram até a polícia pra tirar nós (...) Até hoje a gente vem lutando, até que nós conseguimos esses barracos aqui" MANUEL VENÂNCIO SOARES, BREU BRANCO, JUNHO/2013

"Meu marido foi transferido pro Maranhão e eu vim pra cá e eu moro em Tucuruí desde 57. Meu marido era funcionário, foi transferido pra Altamira. (...) não ganhamos transporte porque ela disse que não temos direito e nós morávamos lá. Aí na cooperativa nós temos quase um ano lá dentro. Só promessa que nós estamos até hoje. Muitos já não estão nem vivo. Estou cansada de reunião com ela mesmo, a Eletronorte. Sabe? Ir lá pro escritório, conversa, conversa e nada, promete pra nós, só conversa, estamos tudo velho". MARIA BERNADETE GALVÃO DA SILVA. TUCURUÍ, JUNHO/2013

"Até agora ela (Eletronorte) só fez falar, mas propor é quando uma pessoa senta com o outro e põe no documento. Só fez falar. Então essa é a situação nossa, e nós estamos precisando de pessoas que vêm pra ajudar nós, que nós chegue até onde nós quer, é o nosso direito." JOSÉ RAIMUNDO SOARES. TUCURUÍ, JUNHO/2013

"Pra nós vir tratar da nossa situação com a Eletronorte, foi um espanto, até em outros lugares ela chegou bem mansa pra nós, colocando todas as possibilidades pra nós, dizendo que a barragem ia ser muito boa, nós ia ter um privilégio muito grande, nós ia receber uma casa de alvenaria, com quarto, garagem e tudo, casa boa e dentro de 90 dias estão saindo essas casas. Toda a chance, logo, com aquela rapidez, sem fazer anúncio. Aí, o que eu fiz? Chamei a família e aí foi um ano, foi dois anos, foi seis anos, aí começamos fazer reunião, fazer greve com ela. Aí ela resolveu, depois que nós fizemos a reunião lá". JOSÉ CUNHA DE SOUZA. TUCURUÍ, JUNHO/2013

Pescadores da jusante descrevem efeitos da segunda etapa³

"Aí nós ficamos ilhado e não tinha quem embarcasse lá. Porque aqui é o seguinte, no meu caso que eu tenho seis filhos e uma mulher, aqui eu que tenho que botar, eu não posso deixar eles muitos dias aqui. Eu saio um, dois dias e tenho que voltar pra trazer alguma coisa. E aí o que foi que aconteceu? Nós largamos de mão. Por que de onde nós ia tirar pra sustentar a mulher com os filhos pra sobreviver? De lá o que aparece é uns 5 kg de carana pra cada um, e quando cheguei aqui, a mulher falou: '- Mas esse aqui? estamos passando necessidade, não dá para comer'. Porque era um bichinho velho preto que catingava que quando chegou lá na porta já estava catingando. E de lá nós não voltamos mais lá porque o projeto não tinha estrutura pra dar certo. Colocaram 40 tanques lá e três famílias por tanque, aí eles falaram que não iam dar mais salário, eles não iam dar mais cestas, eles não iam se responsabilizar com o povo. Aí nós fizemos o que? De onde a gente só trabalha e não se ganha jamais, nossa condição, de todos esses pescadores daqui, da jusante está passando uma situação difícil por conta dessa barragem. Eles querem, montar um novo projeto. Só que para montar um novo projeto, sendo naquele mesmo lugar, lá no Breu, que não pertence à Tucuruí vai ser destruição do dinheiro público de novo, quem vai perder somos nós". RONALDO ADRIANO MORAES, PESCADOR – VILA CAPUTEUA, JUNHO/2013

3 A segunda etapa da UHE-Tucuruí inclui a construção da eclusa, o que significa o agravamento de situações críticas de mais de 12 mil pescadores na região do rio Tocantins, como os pescadores do "pé da barragem", dos pescadores da jusante e dos pescadores das ilhas; dos indígenas Assurini do Tocantins, que tem sua aldeia situada à jusante bem como, de moradores de bairros na cidade de Tucuruí, como Antiga Matinha, remanejados para a o bairro da Nova Matinha. Diversos impactos ambientais são apontados na obra e suas adjacências. Os pescadores têm impedimento de realizar a pesca ao pé da barragem, pela redução do pescado inclusive, com a extinção de algumas espécies, pelos efeitos das oscilações do nível da água, tanto à jusante como à montante, o que tem provocado a mortandade em grande escala. A política "compensatória" se resumiu aos Parques Aquícolas I, II e III em Breu Branco, com resultados inócuos. Esta iniciativa do Ministério da Pesca e Aquicultura de instalar criatórios artificiais ou tanques foi insuficiente. Ao mesmo tempo observa-se que não há uma política de apoio logístico e financeiro que assegure sua viabilidade.



Ronaldo Adriano Moraes, pescador da Vila Caputeua, e sua mãe, Maria das Graças e sua irmã, comentam os efeitos da hidrelétrica na pesca a jusante, Vila Caputeua, junho/2013



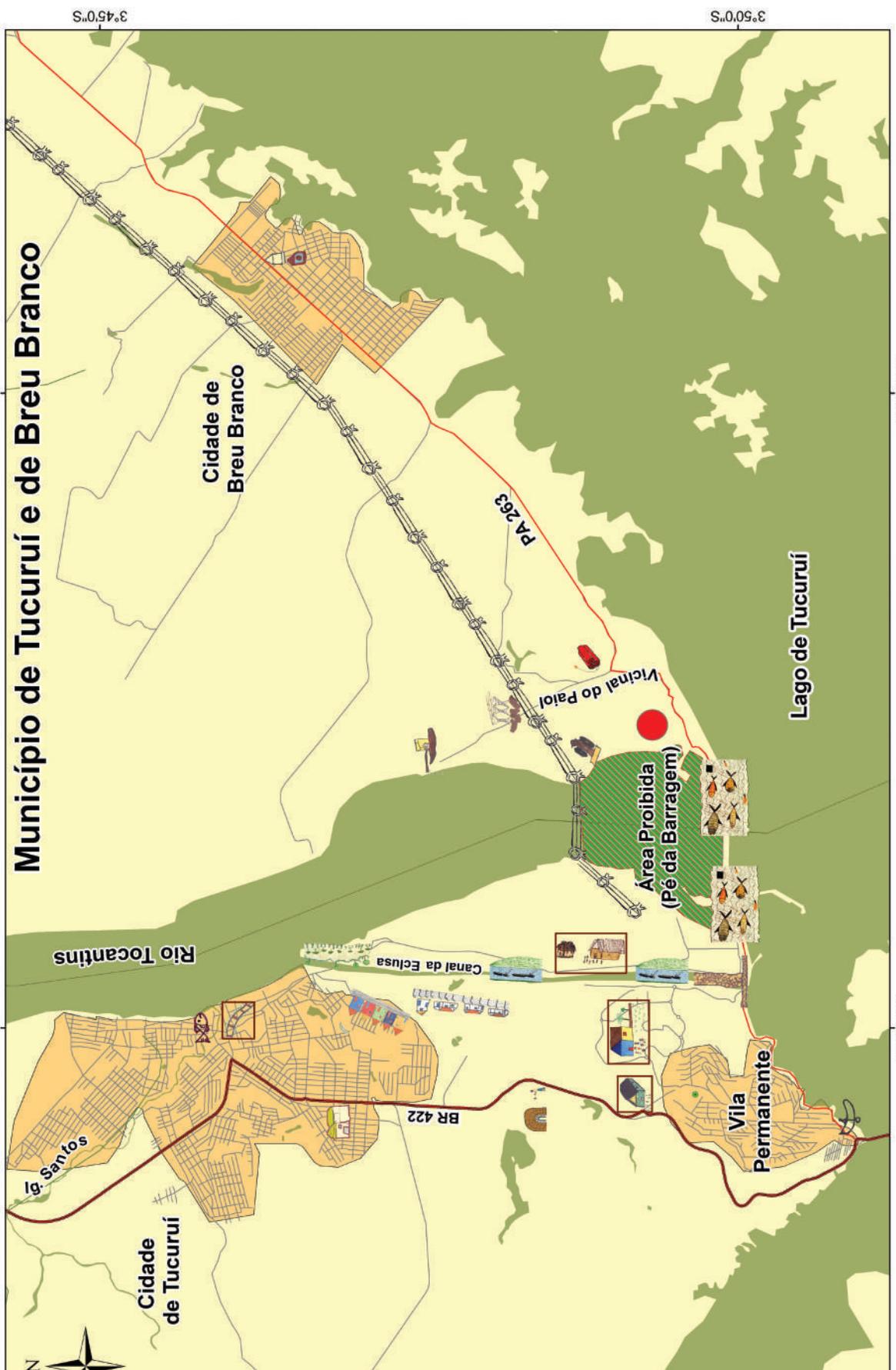
Ficou mais fraco esse peixe

“Mas o que foi a causa de agora não ter mais peixe nesse rio? Quando fizeram essa barragem aí, numa hora dessas, você olhava pro rio, aquilo ia um perto do outro, era pescada, era mapará, era filhote e barbado, dourada, jaú e pescada, passava muita pescada, acari, eram esses peixes. O piabanha, não passava muito, era difícil. Mas aí o que foi que acabou esses outros peixes? É o crescimento da água em baixo, porque agora você viu o tamanho da água que tá, quando amanhece, essa é hora pra senhora ver, ela tá lá em baixo, agora ela tá grande, quando é de manhã ela amanhece lá em baixo, então na piracema eles mantêm essa água no mesmo jeito. Agora começa crescer oito horas até meia noite, quando é meia noite baixa até de manhã, quando é de manhã começa a crescer de novo, agora ela está grande, quando é de manhã ela começa a crescer lá em baixo. O que levou o rio agora? A nossa atividade que é pesca, não dá mais pra bóia, ninguém pega mais nem a bóia, tá aí o peixe que vocês vão almoçar agora tá vindo de outro lugar, tá vindo de Pacajá, de Altamira, tá vindo filhote de lá, é o peixe de lá, porque aqui mesmo a Eletronorte, a barragem acabou tudo, o que tinha acabou. É porque antes da eclusa, mantinha até um pouco da água no espaço certo. Depois da eclusa, já começou a bater forte, a água vem mais alta, mais grande. Quando é das 8 h até meia noite a água cresce, o que tem entra prá dentro do mato, camarão, os alevinos dos peixes menores e pra lá fica e pra lá morrem e não volta mais, porque a água joga os peixe lá pra dentro do mato, quando é de manhã ela bate e o peixe fica lá. (...) Então, antes da eclusa a água já estava dessa forma, mas era mais pouco, agora o limite já ficou mais alto, a água cresce 3m, 4m, acabou-se tudo. Ficou mais fraco esse peixe, a gente começou a sentir mais a falta do peixe, e agora tá pior mesmo. Porque agora estamos sofrendo maior necessidade, e de uns 4 a 5 anos, mas agora está pior”. RONALDO ADRIANO MORAES, VILA CAPUTEUA, JUNHO/2013

“O que mudou o peixe daqui do rio foi que eu digo a barragem, o problema da barragem, porque se não fosse eu digo que tinha, porque quando de primeiro ela não existia, tinha muito peixe, depois que construiu aí que acabou tudo, foi só acabando e agora acabou, porque não existe peixe aqui no rio. Olha, essa noite meus filhos foram pro rio pescar e não arrumaram nada, não defenderam nem do óleo, se quer, tem tirar fiado pra não morrer de fome, porque se não tirar fiado a gente morre de fome, só fiado no aposento dela pra ajudar as crianças. E quando nós não temos nada aqui pra nós comprar, nós vamos pra Tucuruí pedir, tem que pedir, porque senão as crianças morrem de fome”. MARIA DAS GRAÇAS MORAES FARIAS, VILA CAPUTEUA, JUNHO/2013

A beira está caindo todinha, que está metendo medo

“Era muito farta aqui de tudo de peixe, até de saúde, só não era bom era o carapanã, o resto tudo era bom. Nós fazia a roça aqui, nós plantava, nós fazia farinha, tudo por aqui nós fazia, casa de forno pra fazer farinha. Aí depois a gente foi plantando, foi dando raiz



Município de Tucuruí e de Breu Branco

3°45'0"S

3°50'0"S

49°40'0"W

49°35'0"W

Antiga Praia da Antiga Matinha (Eclusa Transposição de Baixo)		Eclusa - (Transposição de Cima)		Reserva de Desenvolvimento Sustentável - RDS
		Eclusa - (Transposição de Cima)		Zona de Preservação da Vida Silvestre - (ZPVS)
UHE de Tucuruí (símbolo da destruição da Fauna aquática e poluição dos rios)		UHE de Tucuruí (símbolo da destruição da Fauna aquática e poluição dos rios)		Área de Proteção Ambiental Lago de Tucuruí (APA)
Linhão de transmissão de energia (Limite da área proibida)		Linhão de transmissão de energia (Limite da área proibida)		Reserva Extrativista (RESEX)
Canal da eclusa		Canal da eclusa		Terra Indígena (TI)
Casa dos explosivos		Casa dos explosivos		Microrregião de Tucuruí
Serraria do km 50 da BR 422		Serraria do km 50 da BR 422		Microrregião de Cametá
Área de conflito com fazendeiro na Resex Ipaú - Anilzinho		Área de conflito com fazendeiro na Resex Ipaú - Anilzinho		Área Urbana
Produção de carvão na TransCametá (BR422)		Produção de carvão na TransCametá (BR422)		Hidrografia
RDS Pucuruí - Ararão		RDS Pucuruí - Ararão		Logradouros municipais
RDS Alcobaça		RDS Alcobaça		Limite Municipal
ZPVS - Área de Soltura 3		ZPVS - Área de Soltura 3		Rodovia Estadual (PA)
ZPVS - Área de Soltura 4		ZPVS - Área de Soltura 4		Rodovia Federal (BR)
Vegetação (Floresta)		Vegetação (Floresta)		Linhão de transmissão de Energia da UHE
Área degradada pela construtora Camargo Córrea (antigo canteiro de obras da UHE)		Área degradada pela construtora Camargo Córrea (antigo canteiro de obras da UHE)		
Áreas desmatadas (Prodes 2009-2012)		Áreas desmatadas (Prodes 2009-2012)		
Área Proibida (Pé da Barragem)		Área Proibida (Pé da Barragem)		
Vila Caputema		Vila Caputema		
Vila Perdeneira		Vila Perdeneira		

Equipe de Pesquisa:
Jurandir Santos de Novaes (PNCSA/UFFPA)
Rosa Elizabeth Acevedo Marin (PNCSA/UFFPA)

Pontos de GPS:
Jurandir Santos de Novaes e
Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Coordenação Cartográfica:
Jurandir Santos de Novaes (PNCSA/UFFPA)
Rosa Elizabeth Acevedo Marin (PNCSA/UFFPA)

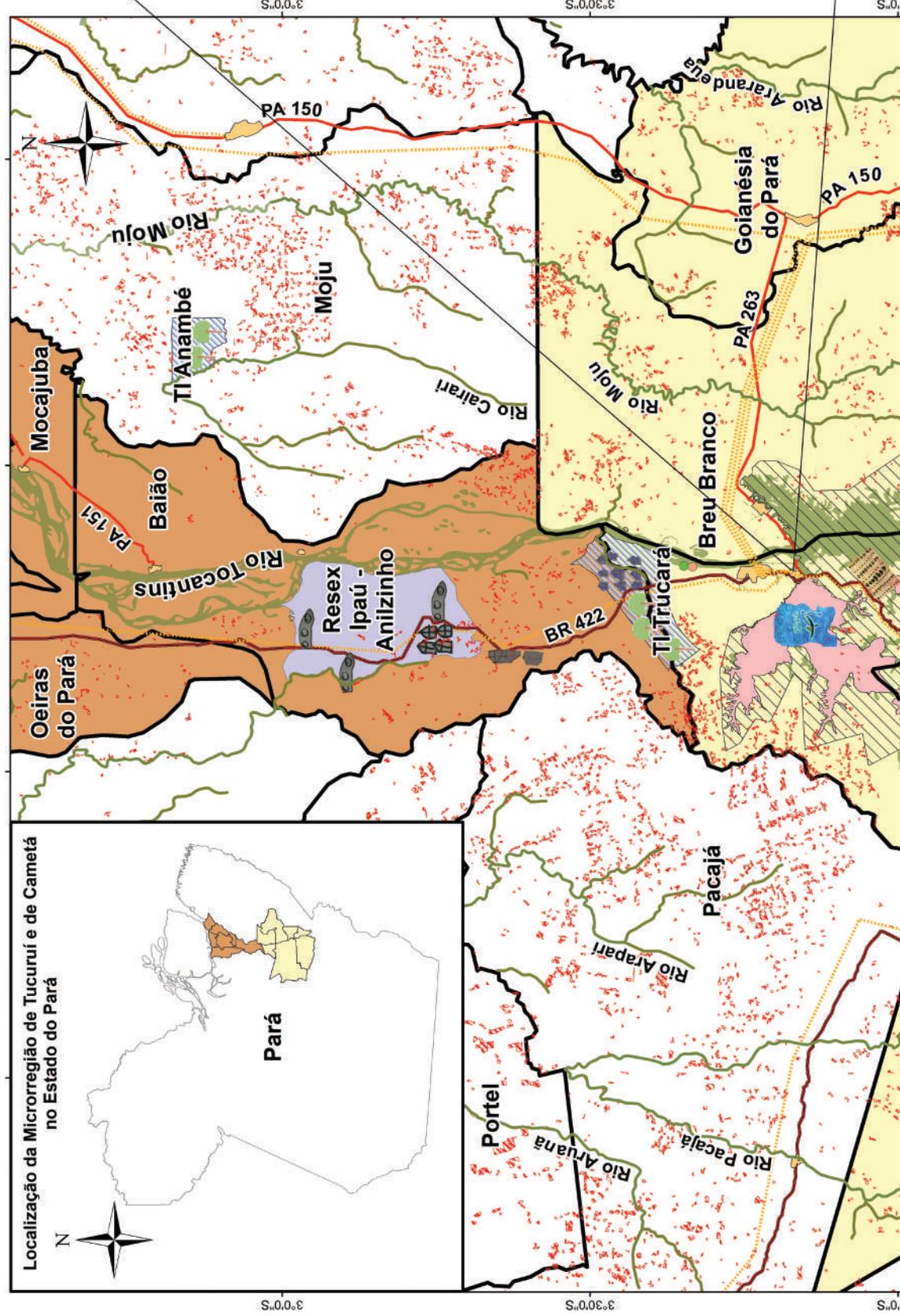
Cartografia:
Thiago Alan Guedes Sabino (PNCSA/ UFFPA)

Desing e Edição Gráfica:
Thiago Alan Guedes Sabino (PNCSA/ UFFPA)
Thamiry Di Paula Cassino de Matos (PNCSA/UFFPA)

Realização:
ASSOCIAÇÃO DAS POPULAÇÕES ORGANIZADAS VÍTIMAS DAS OBRAS NO RIO TOCANTINS E ADJACÊNCIAS - APOVO

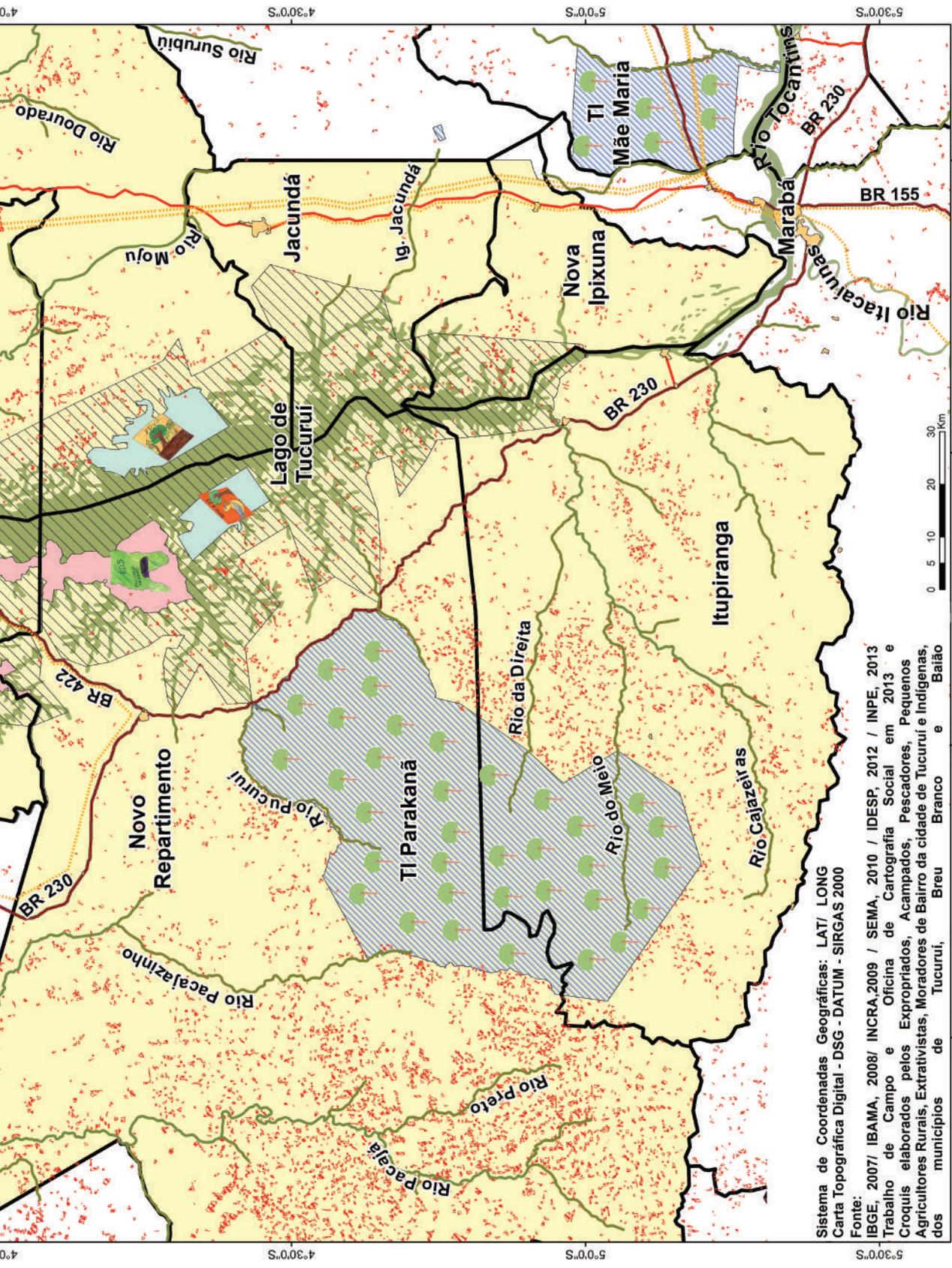
Belém, Junho /2014

Expropriados, Acampados, Pescadores, Pequenos Agricultores Rurais, Extrativistas, Moradores de bairros e Indígenas atingidos pela Usina Hidrelétrica de Tucuruí



Legenda

	Bairro Novo
	Bairro Lu
	Mercado
	Porto 11
	Cooperat Expropria
	Cooperat Rede de
	Cooperat Comercia
	Associaç das 3 Tor
	Acampam
	Vila Anilz
	Terra Ind
	1º Acamp
	2º Acamp
	3º Acamp
	4º Acamp
	Antiga AI (Indigena)
	Antiga Pr (Indigena)



Sistema de Coordenadas Geográficas: LAT/ LONG
 Carta Topográfica Digital - DSG - DATUM - SIRGAS 2000
 Fonte:
 IBGE, 2007/ IBAMA, 2008/ INCRA, 2009 / SEMA, 2010 / IDESP, 2012 / INPE, 2013
 Trabalho de Campo e Oficina de Cartografia Social em 2013 e
 Croquis elaborados pelos Expropriados, Acampados, Pescadores, Pequenos
 Agricultores Rurais, Extrativistas, Moradores de Bairro de Tucuruí e Indígenas,
 dos municípios de Tucuruí, Breu Branco e Balão



demais profunda, aí não prestou pra roça, só lá pra frente, mas tem muito capim, a sapé. Aí pronto, a gente parou de fazer roça porque não dava. Ali onde tá aquele barco, lá a primeira casa foi lá, mas caiu tudo, aqui no lado. Lá que era terra, caiu tudo pra lá. Lá na minha casa, não demora muito, ela vai revirar pra beira. Pra onde eu puxo agora? Que não tem pra onde levar. O senhor sabe aquela casa do Manuel lá em cima? Eu quero que o senhor veja caindo de lá, aqueles pés de cajueiro. Foi tudinho. Tá tudo jogado na beira. Agora não tem onde plantar. Quando vai subindo a água ou descendo, vai caindo a terra, vai diminuindo a terra pra nós a beira agora tá ficando na beirada, cai que vai embora, não tem mais condições de fazer uma escada pra gente subir. A beira aqui, eu queria que a senhora fosse pelas beiras pra ver as casas caídas, que tá caindo todinha na beira, tá caindo todinha que tá metendo medo. Já tem casa que já está quase pra revirar, só que não tem pra onde ir embora, tem que ficar é aqui. Nós não temos condições de comprar uma casa em Tucuruí, não temos, a nossa situação é aqui mesmo". MARIA DAS GRAÇAS MORAES FARIAS, VILA CAPUTEUA, JUNHO/2013

Jusante da hidrelétrica de Tucuruí sofre os efeitos da oscilação do nível da cota do lago

Pescadores das ilhas, região de Cajazeiras

"Por que nós estamos aqui? Porque nós de Cametá, fomos o povo mais prejudicado pela empresa. Na primeira morada de pesca, que eu abracei a pesca foi em Cametá. Em 1977 de lá como a dona Eletronorte acabou com o nosso peixe lá de baixo com essa tal de jusante. Aí nós sobrevive da pesca, nós viemos pra montante. A água cresce quando estão abertas as comportas que crescem, eles entram pra varja e vão desovar, e quando tem um momento como agora, eles represam a água baixa e a ova que o peixe jogou se acaba. Olha, quando fizeram secar, baixar aqui o lago, passou do nível. Entendeu? Então, o que acontece? A água baixa." MIGUEL RODRIGUES DE CARVALHO, ILHAS DO LAGO DE TUCURUÍ, JUNHO/2013

"O que acontece? Está cheia agora. Se passar da cota 60, por exemplo, pra baixo, fica uma terra bem aqui e uma lagoa lá dentro a água esquentar e mata os peixes. O grande problema, o maior impacto que está hoje nas ilhas de Tucuruí, esse aqui tá passando por isso, ele tem ilha, lá perto onde nós morávamos. O que acontece? É que quando eles falam que a água está na altura 74, ela está na cota 75 acabando com os sítios das pessoas e, além disso, quanto maior a água, com o vento elas se manifestam mais, elas agitam mais, aí é banheiro, maresia, isso vai batendo. As lagoas marginais, aqui nas regiões mesmo são poucas já que ficam. Mas onde fica mais é de Repartimento. É porque as ilhas são mais planas. Essa lagoa marginal não era pra ter mais, já teria cavado isso aí, tem malha, tem estrutura e tem tecnologia e não era pra tá mais acontecendo isso". ESMAEL SIQUEIRA RODRIGUES, ILHAS DO LAGO DE TUCURUÍ, JUNHO DE 2013

Miguel Rodrigues de Carvalho, pescador nas ilhas do Lago de Tucuruí e Esmael Siqueira Rodrigues



“Eu como pescador fechando 40 anos na atividade, inventaram uma pesca aqui que eu sou muito contra, porque antes disso, nós tinha o peixe. Porque nesse ponto, o peixe está ali, ele está desovando, então deixa ele reproduzir, porque se não temos a reprodução, não temos fartura. Entendeu o que estou lhe falando? Nós cobramos isso, porque isso aqui traz muitas consequências para nós como pescadores. Porque se nós, a polícia federal, a Federação não tomar iniciativa nesse caso, nós vamos ficar sem nada, porque vocês estão vendo que essa água aqui tá calada e na época vivia movimentado pelo peixe. (...) É uma situação difícil. O nosso lago está ficando bastante falido por esse tipo de pesca. Vocês estão aqui, vocês não estão vendo movimento nenhum de peixe. Numa água calada dessa? Porque quando eu cheguei aqui não era desse jeito. Então, principalmente, dona, é uma situação séria com os pescadores, que moram no lago, que é o pescador, não aquele, aqui nós temos dois tipos de pescadores, tem o marítimo e tem o terrestre que só é da metade, mas tem dois tipos”. MIGUEL RODRIGUES DE CARVALHO, ILHAS DO LAGO DE TUCURUÍ, JUNHO DE 2013

Pescadores do pé da barragem

Ademir Rufino, expropriado de Tucuruí e Milton de Souza Afonso, pescador do pé da barragem expõem a situação de impedimento da pesca



“Quem pesca no pé da barragem vai lá na parte baixo ou a jusante da barragem, bem próximo da hidrelétrica, no lugar onde deságua as turbinas, e onde se encontra os peixes. Nós corremos risco, essa pesca é difícil, mas é onde se encontram os peixes” MILTON DE SOUZA AFONSO, OUTUBRO DE 2013

Acampamento João Canuto: luta pela terra para morar e trabalhar⁴

“Neste acampamento aqui, foi dia 09 de janeiro de 2002, seu João Mineiro, seu Francisco, Dona Ilma, dos que estão presentes aqui, eu vim 30 dias depois.” ANTÔNIO COELHO, JUNHO/2013

“Quando a gente subiu no acampamento, pra nós chegar aqui foi uma dificuldade muito grande! Mas chegamos e subimos pra cá, começamos fazer os barracões. Começamos a fazer os barracos, treze pessoas. Fizemos primeiro um barracão maior mais lá na frente. Depois fizemos mais dois aqui. Era como seu Antônio

falava, um barracão só abrigava 4, 5 famílias dentro, porque nós não tinha espaço pra fazer nosso barraco. (...) Então, eu subi porque eu senti, assim, um pensamento de um dia possuir um pedaço de terra pra trabalhar, foi o que fez eu subir o acampamento de terra João Canuto e ter orgulho dele, é muito importante pra mim. Com a fé em Deus e eu espero que nós vamos receber o nosso pedaço de terra aqui nele pra trabalhar”. JOÃO MINEIRO, ACAMPAMENTO JOÃO CANUTO, JUNHO/2013

“Essa luta vem há 12 anos. O acampamento surgiu no dia 22 de maio de 2002, um rapaz, o Edvaldo de Souza Tavares, ficou como padrinho, ele é até falecido hoje, liderança do Movimento dos Sem Tetos. O nome é uma homenagem ao João Canuto que morreu em Rio Maria, em 1985. Essa área é considerada da União por ser daquele escrito de 1964. Então ele que teve conhecimento e criou esse acampamento. Nessa época foi criado o MST de Tucuruí, Movimento de Sem Terras de Tucuruí. O primeiro Estatuto que foi criado nosso, da nossa ocupação”. ANTONIO COELHO, ACAMPAMENTO JOÃO CANUTO, JUNHO/2013



Croqui elaborado pelos participantes da oficina de mapeamento social, Acampamento João Canuto, junho/2013

Construção de eclusas⁵ e efeitos no bairro da Antiga Matinha⁶

“Eles queriam dar 40.000, aí só isso não dá pra fazer. Porque essa casa bem aqui, eles deram 60.000, 70.000 pra uma mulher. E era a mesma coisa que eu tinha aqui”. MARIA RAIMUNDA ROSA DAS MERCÊS, BAIRRO ANTIGA MATINHA, JUNHO/ 2013

“O problema é o conforto dela, do tamanho da minha casa, que aguenta minha família toda. Quando eles vieram buscando o povo pra tirar, fazendo proposta pra tirar uma casa da Nova Matinha a 5.000 ou indenização, aquele que não quisesse a casa ia ganhar os

4 O Acampamento João Canuto localiza-se a 18 quilômetros da cidade de Tucuruí. A existência do acampamento é cercada da ameaça das madeireiras no setor que denominam de *ressacas*. Agricultores tradicionais, migrantes, desempregados que estão acampados continuam aguardando providências do INCRA.

5 A construção da eclusa impôs mudanças na vida de moradores através de deslocamentos e reassentamentos de famílias que residiam no bairro onde se localiza a eclusa, ou a “transposição de baixo”. Encontram-se residindo no bairro da Antiga Matinha (também denominado de Velha Matinha), onde se localiza a chamada “transposição de cima”, famílias ainda ameaçadas de remoção pela proximidade da localização da eclusa. Famílias estas, que retornaram para suas casas após a conclusão da obra, mas submetidas a tentativas de cadastro ao qual não respondem, como forma de expressar a sua negação ao deslocamento compulsório, embora se permaneçam em uma área do bairro que já não conta com serviços públicos como coleta de lixo, capinação e limpeza regulares, dentre outros; situação que traz para este bairro uma imagem de abandono.

6 O bairro “Antiga Matinha” faz fronteira com o muro do barramento do rio construído com a eclusa. Neste bairro foi eliminada a praia onde os barraqueiros trabalhavam e os pescadores aportavam seus barcos.

5.000 reais, ela indenizava, valorizavam a casa, o DNIT vinha, media, aí iam fazer a cobrança do valor de quanto ia dar, quando era de madeira, quando era de alvenaria. Aí tá, eu falei que eu não ia naquela proposta de uma casa na Nova Matinha a 5.000 reais, eu não queria não. Marcaram a data pro dia pra eu ir lá no escritório da Eletronorte. Aí quando foi o dia eu fui lá. Chegando lá estava o total do valor da casa, 41.000, o valor da casa e iam fazer a indenização pra eu sair. Eu falei: 'Olha, eu não estou indo nessa não, mas eu tô achando que esse valor da minha casa não é essa de tanta beleza de coisa dentro, ela não é lajotada, mas o problema é o conforto dela, o tamanho da minha casa, que aguenta a minha família toda quando vem de outros lugares, porque eu tenho filho em Brasília, eu tenho em Goiás. Aí fim de ano eles vem aqui pra casa, aguenta toda a minha família. Então, pra eu pegar 41.000 pra fazer uma casa do tamanho dessa não vai dar pra mim fazer. Então, se vocês adiantarem mais eu vendo, mas se não eu fico nessa'. Quando terminou aí o trabalho deles, eles vieram avisar, eles davam o caminhão pra fazer a mudança pra onde a gente ia, davam o caminhão pra gente trazer de novo pra cá pra mudança. Nesse período eu mudei pra três casas, nesse serviço. Até ali na Liberdade eu cheguei morar lá. A metade das minhas coisas esbandalhou, quebrou. Aí eles vieram e fizeram o retorno da casa, o que eu tinha arrumaram tudo e vieram e trouxeram pra cá de novo. É assim que aconteceu".

CELI DAS MERCÊS, ANTIGA MATINHA, JUNHO/2013

Eu não vou fazer esse cadastro



Bairro Antiga Matinha – caminhos abertos pelos moradores no fundo das casas para chegar ao rio, rompendo a cerca que separa as casas da eclusa e do rio, outubro/2013

cadastro pela prefeitura. Agora nesses tempos, tá fazendo um mês, dois meses e pouco, um cadastro do pessoal que estava aqui nessa área. Só que eu não fiz esse cadastro, porque o cadastro dele era o seguinte, fazia o cadastro, tinha que ter todo o documento da pessoa, tirava o xérox da pessoa, o documento tudo pra acompanhar tudo mais, agora esse aqui não. Eu não vou fazer uma coisa em neutro, sem saber o que é porque tá rolando esse documento, esse cadastro. Agora pra fazer um cadastro desses com a minha assinatura, com todos os meus documentos. Eu vou assinar uma coisa sem saber o que é que vai rolar nisso? Eu não vou fazer esse cadastro. O cadastro é pra tirar esse povo todinho e deixar não sei onde pelo mato, como nós aqui que estamos nessas ruas todas furadas, todas esbandalhadas e eu acho que é pra isso que ele quer fazer de novo".

CELI DAS MERCÊS, ANTIGA MATINHA, JUNHO/2013

"No ano passado (2012) eles (Prefeitura) vieram aqui, reuniram com o vizinho ali, nós aqui pra fazer um acordo pra nós passar pra aquele lado de lá, porque eles iam precisar dessa área aqui. Reunimos tudo, conversamos ali com o vizinho: 'Tá, a gente aceita a proposta de vocês'. Pra fazer a casa, queria uma casa com cinco quartos, do tamanho que fosse a casa, eles faziam o tamanho a casa da pessoa, tá, quem veio foi o Janílson, ele que veio aqui fazer a proposta. Tudo bem: 'Tá conversado nesse outro mês que a gente vir, vai começar'. Passou aquele pleito, já quem ganhou foi esse outro (prefeito), já vai completar um ano que ele já está lá dentro e até hoje não apareceu nada de proposta nenhuma. Quando foi agora apareceu uma proposta de fazer um



A Nova Matinha: perda da alegria, da vizinhança e do acesso ao rio⁷

“A casa prometida está como um ‘um museu de arte’ só para ver. Nas primeiras casas que construí só tinha um quarto, e com muita reivindicação hoje são dois, mas não é igual à casa-modelo, que tem varanda e é maior. Nós não temos linha de ônibus como precisamos, os esgotos são jogados direto nas valas e se espalham, não tem área para as crianças brincar, as ruas ainda não foram asfaltadas e as casas têm rachaduras, por que isso aqui era uma área alagada”. IANEIDE ELENA CORRÊA, OUTUBRO/2013

Portão que separa o bairro Antiga Matinha da eclusa, junho/2013; residência do Senhor Celi das Mercês, morador que resiste contra a remoção - Bairro Antiga Matinha e casas no Bairro Nova Matinha – outubro/2013

Pequenos agricultores rurais resistem na Vila Três Torres⁸

“Aqui nós chamamos de Sinal das Três Torres, porque inclusive tinha três torres ali (hoje são 7) e foi batizado de Sinal das Três Torres. E agora nós temos tendo um impacto aqui,

⁷ A Eletronorte os atraiu para a aceitação da mudança com uma “Casa-Modelo” que jamais foi construída, mas ainda existe como único exemplar no bairro.

⁸ Na Vila Três Torres residem e trabalham famílias que se autodenominam de produtores rurais e se organizam por meio da Associação dos Pequenos Produtores Rurais das Três Torres para reivindicar seus direitos. Ela surge no local outrora ocupado parcialmente pelo lixão da Eletronorte. Desde 2010, seus moradores aguardam os procedimentos do Programa Terra Legal do INCRA para regularização de áreas que possuem tamanhos variados, de 10 linhas, meio alqueire, três ou quatro alqueires. Eles propõem projetos de piscicultura, mas não têm sido atendidos pelos agentes financiadores, assim como vêm lutando para obter a regularização fundiária.



**Integrantes da
Associação de Pequenos
Agricultores das Três
Torres, junho/2013**

que a água está desmoronando a beira do rio, foi tirado muito material do leito do rio e nós nos sentimos muito prejudicados por causa das nossas praias que acabou, existe só um pouco aqui, um beiradão, das praias, devido ter tirado muita areia ali. Isso que foi daqui da areia que foi tirada do leito do rio, então acabou as nossas praias (...) Eu escolhi esse lugarzinho aqui porque eu não gosto de morar na cidade, lugar pra mim mesmo é no interior, é na roça. Então foi um lugar ideal que eu achei, eu não fui o primeiro a chegar aqui, eu já fui o segundo né, comprei de outra pessoa (...) aqui tenho uns seis anos só aqui nessa região, (...) Eu tenho 46 anos e tô aqui lutando pra sobreviver. Aqui nós precisamos de muito apoio, nós moramos aqui numa área que teve muita implicância com a Eletronorte na época, quando nós passamos a morar aqui, nós não podíamos nem pregar uma estaca numa divisa que o pessoal da Eletronorte estava implicando, perturbava a gente aqui pra não fazer cerca alguma aí. Nós lutamos muito pra chegar o ponto que estamos hoje, só que não era fácil, era difícil, o pessoal da Eletronorte aqui queria se apossar, diziam que essa área aqui era deles". GINALDO FRANCISCO DA SILVA, VILA TRÊS TORRES, JUNHO/2013

"Eu trabalhei com o meu pai muito tempo aí, ajuntando sacola, queimando, tirando as coisas, eu tirei muita seringa. Lá o pessoal montaram uns restaurantes. A gente não podia abrir a boca aqui, era mosca querer entrar pra dentro. Houve muita luta, muita reivindicação". JUCIELE SOUZA SILVA, VILA TRÊS TORRES, JUNHO DE 2013

"A polícia veio demais aqui pra tirar o pessoal atravessado na estrada. A Eletronorte quando ela (moradores anteriores) invadiu, ela tentou expulsar um, tentou expulsar o pessoal, aí não conseguiu. Aí foi que marcou a área de todo mundo em pequenos lotes, numerou. Agora já tem essa associação, tem o presidente que é professor também, tem a terrinha dele. A Eletronorte reconheceu os moradores, dividiu, fez o mapa, que nós temos o mapa, isso já tem muito tempo. Cadastrou 36 famílias, numerou os lotezinhos e entregou pra todas as 36 famílias. Aqui nós não podia nem bater estaca pra cá quando eu comecei a fazer minha casa aqui". GIVALDO RIBEIRO DOS SANTOS, VILA TRÊS TORRES, JUNHO/2013

"Lá pra 95 a Eletronorte resolveu assentar o pessoal, 36 famílias, nós temos documento cadastrado pela Eletronorte, eles tinham o mapa que saía da terra, 36 famílias, alguns moradores já venderam pra outros, como no meu caso, eu já comprei. Seu Sílvio também já comprou. Tem moradores mais recentes. Aí a Eletronorte até 2005, mandava e desmandava nessa área, não deixava ninguém fazer roça, nem queimar. Não deixava fazer cerca, nem nada, não deixava o pessoal fazer cerca". FRANCISCO DALRONE DE OLIVEIRA, VILA TRÊS TORRES, JULHO/2013

“Eu fui caminhoneiro na estrada, mas todo tempo por conta-própria, nunca fui funcionário, empregado no caso. Aí comprei uma terrinha aqui, morava no Breu, na época. Moro aí na propriedade, construímos uma casa, eu moro aqui. Crio porco, crio galinha, crio peixe, planto roça, macaxeira, banana, acerola, tudo encontra, muita cana. Então, tô praticamente engrenado pra criar e produzir”. SILVIO SOARES DOS SANTOS, VILA TRÊS TORRES, JUNHO/ 2013

“A principal questão hoje da associação, eu creio, que é mover uma criação de peixe e até agora nós não conseguimos. E já andou um pessoal aqui e aí já colocaram umas burocracias”. GINALDO FRANCISCO DA SILVA, VILA TRÊS TORRES, JUNHO/2013

“Aí uns três anos atrás veio um pessoal do Terra Legal e cadastraram todas as propriedades daqui. Só que ainda não chegou esse documento ainda do Terra Legal, a gente só tem a cópia do requerimento e cadastro”. FRANCISCO DALRONE DE OLIVEIRA, VILA TRÊS TORRES, JUNHO/2013

“A extração de seixo na área comprometeu a mobilidade, porque tinha o ônibus dos nossos filhos, os nossos filhos passam pra ali, agora pra poder apanhar as crianças não tem como passar, ainda mais que ele abriu um buracão no meio da estrada, extraíndo. A única coisa que está nos ameaçando é a terceira etapa que está querendo vir”. JUCIELE SOUZA SILVA, VILA TRÊS TORRES, JUNHO/2013



Unidades de conservação: conflitos nas RDS e nas ZPVS

“Nós imaginávamos que as comunidades ribeirinhas, tradicionais, índios, comunidades indígenas e quilombolas, vários segmentos que são filiados à APOVO, acreditavam que iam ser ouvidos mais com a democracia, nós imaginávamos! Agora é um país democrático, nós estamos vivendo, então nós vamos ser consultados, nós vamos poder falar porque alguém vai ter que dizer o impacto causado, como vai ficar nossa vida futuramente. Não aconteceu nada disso. Quando a comunidade se surpreende é com o grande impacto que já está implantado, e aí a gente sofre com tudo isso. Eu fui um dos mentores da Unidade de Conservação. Na época o IBAMA, a política, a polícia federal, a própria Eletronorte queria tirar todas as pessoas que estavam no lago de Tucuruí, que essas pessoas vieram da jusante (...). Voltamos rediscutir já em 96 um novo levantamento socioeconômico das regiões pelo Ministério do Meio Ambiente, onde nós priorizamos as áreas que estavam mais organizadas, que foi justamente a região do Caraipé, do Alcobaça e a Pucuruí Ararã transformadas em duas RDS. E trabalhamos também a criação do mosaico, no lago inteiro pra garantir, justamente, as margens do lago pra não fazer o desmatamento.” ESMAEL SIQUEIRA RODRIGUES, TUCURUÍ, JUNHO/2013

“O mosaico, o porquê desse nome, essa fantasia existe, pelo fato de existir dentro dele várias unidades de conservação. Existe dentro do lago um banco de gemoplasma que é da Eletronorte, que é banco de dados, sementes e tal, que é o elefante branco da Eletronorte, deveria estar na mão da sociedade porque é pra atender a necessidade da sociedade, deveria pra ser estudo técnico dos filhos dos pescadores, não é, está na mão da Eletronorte. Tem as duas ZPVS que é na zona de preservação da vida silvestre, que é uma na vila de Repartimento, outra no município de Goianésia e tem as duas unidades de conservação e é por isso que se dá o nome de Mosaico de Conservação. Aí hoje eles não roçam, eles não pescam com produtos que são proibidos que vai causar um impacto na fauna, porque eles

Tanques de piscicultura na Vila Três Torres e extração de seixo na região das Três Torres, junho/2013 e antigo acesso dos ônibus, agora interditado para extração de seixo, junho de 2013

tem medo de fazer. Eles já sabem as consequências que aquilo futuramente vem trazer pra eles, às vezes retirar um cipó pra fazer um artesanato, eles são impedidos, às vezes, são tomadas as coisas deles. E um dos maiores problemas que nós temos é que hoje, o governo do estado, através do órgão fiscalizador que é a Sema, o que eles estão fazendo? Estão entrando nas casas das pessoas e levando os apetrechos de pesca sem eles estarem presentes, e quando chega, só vê o resultado péssimo e sem mais material pra pescar. E nós imaginávamos que ao criar a unidade de Conservação, tudo que ia ser feito dentro do lago iria ser participativo, a comunidade iria estar presente: 'Ah, eu vou fiscalizar a Água Fria, por exemplo'. Uma região, aí iria estar uma pessoa da Água Fria, junto com a fiscalização". ESMael SIQUEIRA RODRIGUES, TUCURUÍ, JUNHO/2013

Zonas de Proteção da Vida Silvestre – ZPVS

"Tanto a pesca como a atividade de caça e a pequena agricultura têm sido impedidas pela Eletronorte para cerca de 380 famílias, que vivem nas ZPVS, tanto na Base 3, em Novo Repartimento, quanto na Base 4 em Goianésia, pois sofrem repressão, inclusive da polícia. Elas foram criadas para soltura dos animais capturados durante a formação do lago e temos informação de violência contra pessoas, principalmente, as mulheres e lideranças sem solução dos problemas, porque é uma área de proteção integral que é pra reprodução das espécies pesqueiras, da fauna e da flora e tem muita caça lá, é lá onde eles soltavam na Base 03, a floresta está intacta. As pessoas roçam pra plantar uma mandioquinha, o IBAMA chega, multa, a SEMA multa, vai o fiscal da Eletronorte". ESMael SIQUEIRA RODRIGUES, TUCURUÍ, JUNHO/2013

"Nós somos quilombolas, mas tem pendência ainda de retirar os donos da fazenda, que ainda estão dentro do Anilzinho. Os donos de serraria extraem madeira ilegal, e as serrarias estão bem na entrada da RESEX. Foi em 2005, que criaram a RESEX, mas está abandonada pelo ICMBIO". ROQUE RODRIGUES GONÇALVES, TUCURUÍ, OUTUBRO/2013

Esses são os grandes impactos sociais e ambientais

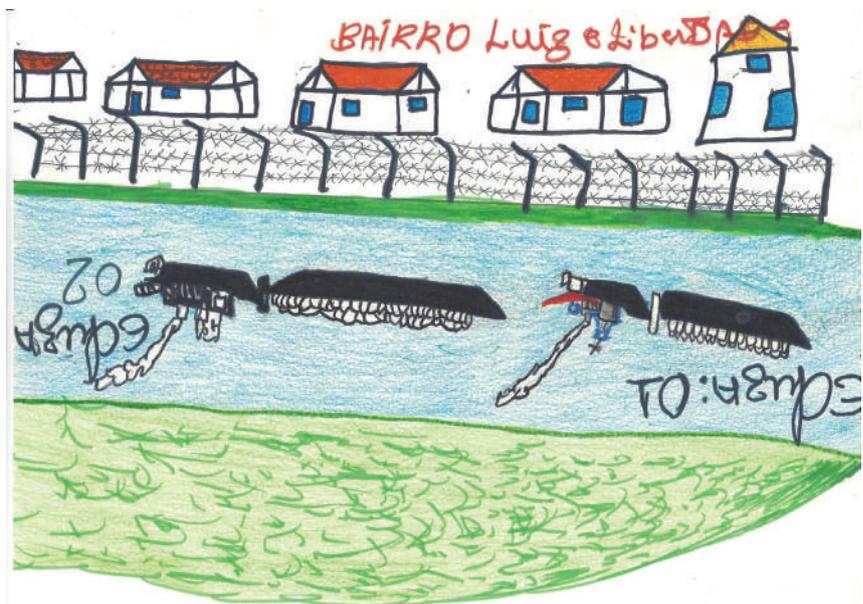
"A partir do momento que a água chega à cota 74, automaticamente, ela filtra e atinge toda a cota 75 ou mais, em ilhas que não são muito altas ela atinge toda a ilha e outras ela atinge até a 75. Hoje um dos maiores impactos que nós estamos passando no lago de Tucuruí. É justamente que, ela, a Eletronorte, alega que a cota do lago de Tucuruí está na 74 nesta época e não está na 74, já chegou na 75. Logo que entrei pro lago, entrei em 91, era bastante peixe, tinha muita fruta, muito cupu, muita açaí, muita caça, muitos produtos florestais, e que hoje não se encontra mais. O que se encontra, não produz, como a castanheira ela tá no último grau da ilha, e assim como outros, a bacaba, o açaí, o cupuaçu, que tinha muito, não produz mais. Esses são os grandes impactos sociais e ambientais." ESMael SIQUEIRA RODRIGUES, TUCURUÍ, JUNHO/2013

"Nós estamos com aquela ação sobre a Camargo Corrêa. Então é justamente uma forma de compensar o impacto que a Camargo Correia causou com na retirada de areia de forma ilegal. O que aconteceu? Ela tirou tanta areia daqui, não tinha mais areia. O que que ela fez daqui? Ela pegou o material dela, com bicos jatos grandes. Ela pegava areia da praia do Gavião, e soltava lá em terra, e a água trazia areia e jogava pra cá. Ela foi multada justamente porque ela tirava areia de lá e trazia pra cá. Lá nas Três Torres ela estava extraíndo, ela fazia o seguinte, ela pegava o mangueiro, o jato d'água e semeava lá em terra, com aquilo que ela jogava água lá a areia descia pro rio. Ela foi multada em 10 milhões por causa disso. Nós fomos nas nossas cobranças, fomos-fomos-fomos, até nós conseguirmos as nossas informações, que havia um TAC. Foi feita alguma audiência pública se vocês serão os atingidos diretamente? Foi feita alguma audiência pública pra discutir o deslocamento da lotação no Breu, em Tucuruí? Foi feito? Porque não foi feito, porque eles estão tirando lá por cima, tirando o IBAMA daqui, ninguém vai multar". ESMael SIQUEIRA RODRIGUES, TUCURUÍ, JUNHO/2013



Tucuruí e Belo Monte: energia que não alcança a todos

“Nós fizemos a greve na Transamazônica. A pauta nossa é bastante extensa, e está protocolada inclusive na casa de governo, em Altamira, nós fomos lá pra discussão. Tem um projeto na Celpa aprovado pra vir energia pra cá, viu? Daqui pra Tucuruí não dá 10 km. E nunca vieram botar energia pra essas famílias aqui (Vila Caputeua). O ramal que vem lá de Tucuruí pra botar os postes e nunca veio, morando no pé da barragem e sem energia. Nós estamos mais ou menos, uns 18 km da barragem. Nós não temos energia em Caputeua, Mãe do Fogo, Santa Maria do Andirobal. Rua do Fogo, Tauá, não existe. Como as ilhas, aqui do lado de Tucuruí, que nenhuma tem, como também em Santa Maria do Andirobal, e Jutaí, Nazaré dos Passos, Ajuru, que é Breu Branco”. ESMael SIQUEIRA RODRIGUES, TUCURUÍ, JUNHO/2013



No topo e na página ao lado Linhão na região das Três Torres, junho/2013 e embaixo, a legenda que representa as Eclusas, elaborada pelos participantes da oficina de mapeamento, outubro/2013

O pesadelo da 3ª Etapa

“Então hoje eles já estão pregando que quando chegar a terceira etapa, não vai ter impacto, lógico que não vai ter impacto, porque o impacto já foi causado. Agora imagina, se eu chego na cota 74 aqui, eu tô matando tudo que tem na cota 75, porque a água vai infiltrar por baixo e vai atingir a raiz principal da ponta, seja castanheira, seja o que for e o maior impacto que nós temos que quando chega essa oscilação e o lago agita e a maresia começa bater e a erosão desce, eles estão sumindo de erosão, árvores indo embora, muitas árvores indo embora”. ESMael SIQUEIRA RODRIGUES, TUCURUÍ, JUNHO/2013



O chamado Porto 11 onde se concentra a comercialização do pescado extraído do lago. A partir deste porto os moradores das ilhas do lago de Tucuruí têm um ponto de saída para a cidade de Tucuruí. Este representa um lugar criticado pela falta de saneamento e segurança. A Eletronorte não teve nenhum projeto de melhoria até o presente

ASSOCIAÇÃO DAS POPULAÇÕES VÍTIMAS DAS OBRAS NO RIO TOCANTINS E ADJACÊNCIAS – APOVO⁹

Endereço: Rua Júnior Ribeiro Nº 95 – Bairro Pimental
Tucuruí PA CEP 68460-000
Telefone 94 99184 5989; 94 98144 5887
Esmael Rodrigues Siqueira

ASSOCIAÇÃO INDÍGENA TEMANAPAPYTARKATÊ AKRÂTIKATÊJÊ DA MONTANHA

Telefone 94 991773506

ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES EXTRATIVISTAS, PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS DO ANILZINHO – ROQUE RODRIGUES GONÇALVES

COOPERATIVA DOS PESCADORES ARTESANAIS E AGRICULTORES DE TUCURUÍ E REGIÃO – MILTON DE SOUZA AFONSO

Telefone 041 94 99158 6470

COOPERATIVA DE EXPROPRIADOS DA PRIMEIRA ETAPA DA BARRAGEM TUCURUÍ

Ademir Rufino Silva Oliveira

ASSOCIAÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS PEQUENOS PRODUTORES RURAIS ORTI-FRUTI-GRANJEIROS DE TUCURUÍ – ANTONIO COELHO

Telefone 94 991542273

9 Associação das Populações Organizadas Vítimas das Obras no Rio Tocantins e Adjacências – APOVO

A ação de pesquisa nesta região se coaduna às práticas e mobilizações sociais de agentes que assumem diferentes formas associativas como associações, cooperativas e se organizam a partir de suas especificidades em entidades que apoiam as suas lutas contra as ameaças à sua sobrevivência física e cultural. Cabe mencionar a Associação das Populações Organizadas Vítimas das Obras no Rio Tocantins e Adjacências – APOVO constituída por 28 movimentos na região de Tucuruí.

C122 Caderno Nova Cartografia Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais. – N. 10 (set. 2014)- Manaus:UEA Edições, 2014

v. : il. ; 30 cm.

Irregular.

Coordenação geral do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (CESTU/UEA/PPGCSPA) e Rosa Elizabeth Acevedo Marin (NAEA/UFPA/PPGCSPA).

ISSN 2359-0300

1. Conflitos sociais – Amazônia- Periódicos.2. Comunidades tradicionais. 3. Desmatamento. 4. Territorialidade. 5. Cartografia. 6. Mapeamento social. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811)(05)

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA

COORDENADOR GERAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida

EQUIPE DE PESQUISA

Jurandir Santos de Novaes
Rosa E. Acevedo Marin

FOTOGRAFIA

Rosa E. Acevedo Marin
Jurandir Santos de Novaes

EDIÇÃO

Jurandir Santos de Novaes
Rosa E. Acevedo Marin

GEORREFERENCIAMENTO

Rosa E. Acevedo Marin
Jurandir Santos de Novaes

TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS

Thamirys Di Paula Cassiano de Matos

CARTOGRAFIA

Thiago Alan Guedes Sabino

ELABORAÇÃO DOS CROQUIS

Agentes sociais que participaram das oficinas

COLABORADORES

Esmael Rodrigues Sequeira
Jânio Gomes dos Santos
Samuel Corrêa Pereira

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Casa 8

CADERNO NOVA CARTOGRAFIA 10

SETEMBRO 2014

A implantação da UHE-Tucuruí mudou de forma irreversível e dramática a existência social dos povos e comunidades que se manifestam neste Caderno Nova Cartografia. As mudanças expostas não cessam e os conflitos sociais mostram, em cada “etapa”, novas formas, ao mesmo tempo, que os agentes sociais desenvolvem estratégias renovadas para o enfrentamento das dificuldades de alimentação, trabalho, transporte, energia e, acima de tudo, o direito aos seus territórios.

A expressão “expropriados” denota a violência a qual as diferentes categorias sociais estão expostas cotidianamente, de forma profunda e continuada, isto é desde o anúncio da instalação da hidrelétrica de Tucuruí até o presente.

Esse processo de expropriação e violência multiplica-se na região Amazônica, atingindo gerações, em diferentes espaços e tempos. Constitui uma prática do Estado que impõe um padrão de desenvolvimento que contraria as formas de existência de indígenas, povos e comunidades tradicionais, moradores das cidades. A devastação dos recursos florestais, hídricos, minerais que acompanha esses processos tem efeitos imensuráveis sobre esses grupos.

As falas, narrativas e representações cartográficas incorporadas neste Caderno revelam formas de resistências e a busca por reconhecimento de outras formas de vida social.

PROJETO

**Mapeamento
Social**



ISSN 2359-0300

PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO



APOIO

